

O PHALLOGOCENTRISMO ENQUANTO DIRETRIZ PROJETUAL

Reprodução de assimilaridades sociais em banheiros públicos

*THE PHALLOGOCENTRISM AS A DESIGN GUIDELINE:
The reproduction of social disparities within the loo*

**Vinicius Goulart Silvério¹
e Maribel del Carmen Aliaga Fuentes²**

Resumo

O artigo analisa como o phallogocentrismo influencia decisões projetuais relativas ao programa dos banheiros públicos, que se pretende neutro, porém atua como extensão de masculinidades hegemônicas, subalternizando corpos dissidentes do sistema binário sexo/gênero. A segregação espacial generificada reforça à cis-heteronorma e sustenta a má especialização que tenta retirar a sexualidade enquanto variável da configuração espacial e enfatiza o funcionalismo, resultando em soluções equivocadas e empobrecidas esteticamente. A pesquisa utiliza análises bibliográficas, visitas de campo e questionários aplicados a arquitetos para compreender os paradigmas que norteiam a produção de banheiros públicos.

Palavras-chave: arquitetura, sexualidade, espaço público, heteronormatividade, gênero.

Abstract

The article analyzes how phallogocentrism influences design decisions regarding public restroom programs, which are intended to be neutral but, in practice, act as extensions of hegemonic masculinities, marginalizing dissident bodies within the sex/gender binary system. The gendered spatial segregation reinforces cis-heteronormativity and sustains poor specialization that attempts to remove sexuality as a variable from spatial configuration, emphasizing functionalism, resulting in aesthetically impoverished and misguided solutions. The research utilizes literature review, field visits, and questionnaires applied to architects to understand the paradigms that guide the production of public restrooms.

Keywords: architecture, sexuality, public space, heteronormativity, gender.

¹ Graduando de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq.

² Orientadora. Professora Adjunta na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPG-FAU UnB). Coordenadora da Editora da FAU e da Revista Arqui. Pesquisadora do Observatório Amar.é.linha - grupo de estudos feministas em Arquitetura e Urbanismo, que desde 2018 tem se dedicado a estudar a arquitetura e a cidade a partir das mulheres. Buscando nos territórios e nas vulnerabilidades, novas maneiras de contar a história e as memórias. Arquiteta e urbanista pela Belas Artes de São Paulo, Mestre em Teoria da Arquitetura e Urbanismo pelo PROPAR - UFRGS, doutora em Teoria e História da Arquitetura pela UnB.

Introdução

O artigo aborda a relação entre arquitetura, gênero e sexualidade e como banheiros públicos refletem e reforçam desigualdades sociais ao segregar gêneros. A abordagem transversal está embasada em textos sobre dinâmicas de poder e exclusão nos espaços arquitetônicos de Lefebvre, teorias sobre sexualidade de Foucault e Derrida, e trabalhos contemporâneos sobre gênero. O texto critica a aplicação do modelo binário e cis-heteronormativo ao banheiro público a partir do questionamento da ideia de neutralidade, apontando para a perpetuação de práticas que desconsideram demandas e subalternizam indivíduos. Ao conectar o design arquitetônico com a construção social da masculinidade mostra-se como o design dos banheiros reflete uma política sexual³ sexonegativista. Frequentar banheiros públicos é um direito que propicia o acesso e a permanência⁴ no espaço público, o que é crucial na dinâmica urbana, para garantir o *direito à cidade* (Lefebvre, 1970), porém, para além das questões fisiológicas, a produção desse espaço é centrada na prescrição de performatividades de gênero dicotômicas, por isso esse direito não é garantido aqueles que não performam o masculino ou o feminino hegemônicos. A constitucional igualdade de direitos e deveres na prática esbarra em obstáculos culturais oriundos da sociabilização generificada, que especializa indivíduos distintamente em função de seus presumidos gêneros. Os espaços que parecem genéricos são bastante especializados e são segregados com base em premissas interseccionadas, historicamente a ocupação desses espaços foi e continua sendo garantida apenas a um usuário localizado, um homem elegido a neutro por um sistema que o privilegia a ponto de não depender da existência do espaço formal para garantir seus direitos.

Dentro de uma sociedade que se desenvolveu a estigmatizar a fisiologia do corpo, elegendo-a a privada, o banheiro público com cabines individuais se faz necessário, a medida em que esse é um espaço legitimado para dar vazão às necessidades fisiológicas e manter a higiene das pessoas que o utilizam. Após sua formatação ele se torna um reforço cultural autoreferente utilizado como justificativa para as permissões sociais falocentradas anteriores a ele. A materialização de axiomas juntamente com a falta de referências alternativas perpetuam premissas que advogam em favor de um binarismo de gênero hierarquicamente misógino que se apoia em uma matriz de contrastes, como explica Strathern (2017, p. 27), o espaço regulamenta vivências não conformistas com o sistema sexo-gênero por um viés sexonegativista, a produção arquitetônica acaba sendo uma patologia projetual⁵ que se inicia na concepção binária, que se desvincula da cultura masculinista e cria uma especialização sanitária pautada na publicização do penis e respaldada no discurso funcionalista moderno que desconsidera a importância do adorno enquanto experiência estética. Embora os arquitetos não reconheçam, os toiettes são espaços residuais genérico, sua paginação regular, azulejos brancos e misturadores sem qualquer apelo plástico, se alinham ao viés higienista, o cenário é agravado após anos de má manutenção promovendo incompatibilidades de projeto. Para que a arte não seja dissociada da arquitetura e a vivência desses espaços se torne mais agradável o adorno precisa deixar de ser crime⁶, faz-se necessário explorar alternativas inovadoras.

³ Kate Millet (1970) critica a construção patriarcal da heteronorma presente na dinâmica misógina de dominação masculina, o poder conferido aos homens é socialmente construído e não predeterminado biologicamente.

⁴ A falta de um banheiro faz com que usuários tenham a sua permanência reduzida ao lar ou suas adjacências.

⁵ O termo patologia projetual se refere aos problemas da edificação que tem origem na fase de projeto. Em uma sociedade igualitária a priorização do homem em detrimento de outrem é controversa.

⁶ Referência a *Ornament and Crime* de Adolf Loos (1913). O autor, assim como outros modernistas contemporâneos a ele, se coloca contra a ornamentação.



Imagem 1 - Architonic, 2020. O exemplo traz um banheiro que ocupa toda a edificação e o seu programa é expandido para a área comum, o que subverte a dicotomia público/privado e o higienismo funcionalista presente no entendimento desse espaço, ainda que a sinalização escultórica reforce a binariedade. Fonte: SEIRANRI Public Area, Hangzhou, Zhejiang, China, 2020. Imagem da internet: Architonic. Disponível em: <https://www.architonic.com/de/project/pig-design-seiranri-public->

A hegemonia cultural faz parecer que os espaços simplesmente existem, porém a realidade é que a produção arquitetônica é uma obra humana que é precedida por discursos decisórios que apagam outros em disputas narrativas. A crença de que a arquitetura antecede a cultura é estruturada a partir da referência do fenômeno já materializado no objeto construído e na validação etnocêntrica da práxis consolidada, essa produção é utilizada como apagamento da origem da própria demanda, assim aquilo que se defende é apenas algo que foi previamente acordado socialmente. O apagamento histórico seletivo defende aquilo que elege a tradição, é conformista e recompõe as dinâmicas excludentes negando-as ou menosprezando-as, defende-se saudosamente o presente apoiando-se em um passado recente mutado com conflitos apagados. O espaço é político e não se dissocia de sua respectiva ideologia, o ideal impositivo homogeneizante inviabiliza vivências ao mesmo tempo em que favorece outras, cada pequena decisão de projeto aponta para o fato do espaço jamais poder ser considerado neutro.

Dans ces perspectives concernant le politique et son intervention urbanistique, on conservait le postulat de l'espace objectif et neutre. Or maintenant, il apparaît que l'espace est politique. L'espace n'est pas un objet scientifique détourné par l'idéologie ou par la politique ; il a toujours été politique et stratégique. S'il a un air neutre, indifférent par rapport au contenu, donc « purement » formel, abstrait d'une abstraction rationnelle, cet espace, c'est précisément parce qu'il est déjà occupé, aménagé, déjà objet de stratégies anciennes, dont on ne retrouve pas toujours les traces. L'espace a été façonné, modelé, à partir d'éléments historiques ou naturels, mais politiquement. L'espace est politique et idéologique. C'est une représentation littéralement peuplée d'idéologie. Il y a une idéologie de l'espace. Pourquoi ? parce que cet espace qui semble homogène, qui paraît donné d'un bloc dans son objectivité, dans sa forme pure, tel que nous le constatons, est un produit social (Lefebvre, 1970, p. 35).

Os espaços são produzidos para melhor regular as práticas de uma época, traduzindo seus ideais, permissões, interdições e prescrições, é com o auxílio do design que são patologizados os indivíduos, não se atende as necessidades de todos da mesma forma nem no mesmo grau, o design é tendencioso e dita quem pode ou não utilizar um local com conforto e segurança como explica Anthony (2017).

A política sexual transcrita no espaço

A política sexual consiste na organização social que legisla sobre todos os corpos e prescreve quem e sob quais circunstâncias pode legitimamente agir. As visões *sex-negative* norteiam as políticas públicas e interpelam corpos de formas distintas. A interdição é empregada a partir da Percepção da sexualidade, que nada tem a ver com presença da sexualidade em si, assim como para Ulrich Beck a percepção da segurança não indica ausência de riscos. Uma vez que se elege a sexualidade do homem cis-hetero a neutra ele ganha o direito da publicização com segurança do seu corpo no espaço público, a hipótese repressiva de Foucault recai mais fortemente sobre grupos minorizados, que podem evitar ir ao banheiro por medo da violência e segurar o xixi, a decisão pode ser prejudicial à saúde.

Expressões de sexualidade são aprendidas socialmente, desse modo o repertório sexual e o léxico de conjugalidades são compartilhados, embora a sexualidade não tenha forma específica são associados a ela a nudez e expressões motoras de forma ampla, o controle social é também condicionado na necessidade de separação de corpos masculinos e femininos, essa prescrição sexual determinista cultural presume a aloheterossexualidade ao mesmo tempo em que retira do usuário sua autonomia corporal e poder de decisão. Produzir subjetividades autorreferentes que se validam ao se reconhecerem nas interpretações da realidade produzida, não se subtrai a sexualidade enquanto variável do espaço público, apenas se normatiza organizações de afeto características, a segregação por gênero restringe o acesso de minorias representativas.

A prescrição de apropriação do espaço é pensada em função do gênero, a mulher, de maneira desigual e mais acentuada, é controlada enquanto é objetificada e compreendida como propriedade privada de um homem, por isso é confinada em cabines, já os homens se apropriam do espaço público por completo transformando todos os espaços em potenciais mictórios, em uma sociedade phallogocentrada⁷ o penis é um aparato que confere privilégios transcritos no espaço independente da existência de um banheiro, Sanders (2020) exemplifica como expor o penis não apresenta perigo para quem o expõe nem é um escândalo público. O mictório e a sua dinâmica de utilização são prescrições normativas baseadas na dicotomia na qual a heteronorma se apoia, o seu acesso necessita validação externa e é operado a partir da inteligibilidade da expressão do dimorfismo sexual do usuário, a expressão de gênero deixa de ser enxergada espectralmente para cristalizar a masculinidade hegemônica.

Publicly peeing while standing is one of the preferences constitutive of the modern heterosexual masculinity. This way the discrete urinal is not so much an instrument of hygiene but a technology of gender that participates in the production of masculinity in a public space. For this reason, the male urinal is not enclosed in an opaque cabin but,

⁷ O phallogocentrismo de Derrida (1972) norteia decisões de projeto, que geram uma composição espacial centrada na perspectiva masculina.

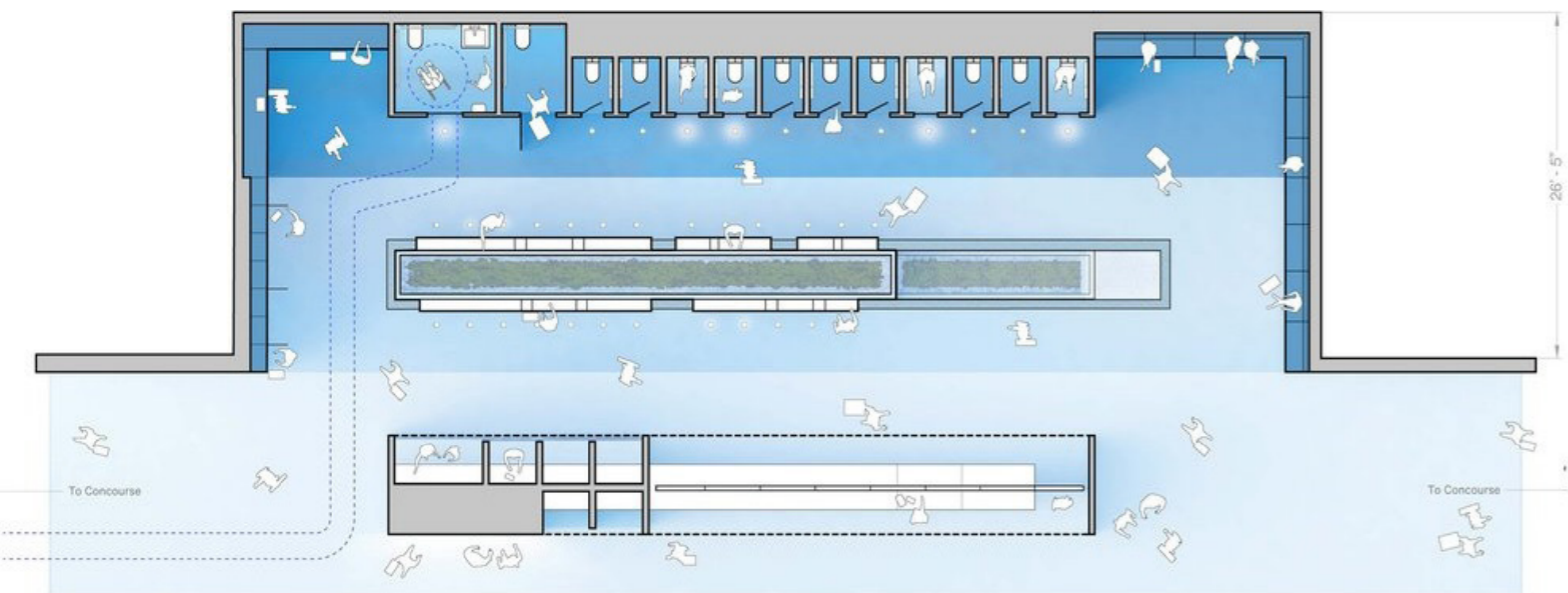


Imagem 2 - Stalled, 2018. o projeto de banheiro para aeroportos é um exemplo abrangente que e permite a livre circulação de todos independente de gênero e deficiências, são propostas facilities para atender a demandas multiculturais, são propostos espaços de permanência, lavatório escultural escalonado para atender adultos, crianças e religiosos que queiram lavar seus pés, espaços para amamentação, ligação e grooming. Fonte: airport prototype. Imagem da internet: Stalled. Disponível em: <https://www.stalled.online/airport>. Acesso em: 27 out. 2024.

instead, in an open space for collective viewing. Peeing standing up amongst uncles is a cultural activity generating links of sociability, and all those that do so publically are recognized as men. The public male urinal constructs male political representation. Two opposing logics dominate the bathrooms of women and men. Whereas the bathroom of women is a reproduction of domestic space in the middle of a public space, the men's bathrooms are a fold of public space intensifying the eyes of visibility, where the erect position reaffirms public space as a masculine space (Preciado, 2017).

O espaço é mal especializado privilegiando o falo, não se projeta para demandas específicas femininas ou de nenhum outro grupo, o espaço compreendido como genérico é projetado para homens e aplicado a múltiplas realidades, a bacia sanitária em cabine unitária é a única oferta no banheiro feminino pois esse espaço é derivado de banheiro masculino, a falta de especialização é uma negociação histórica de reconhecimento parcial de direitos que mantém a mulher inferiorizada. Em casos extremos são previstos apenas mictórios, a problemática do design utilitarista é propositalmente desigual, ela está pautada na afirmação de masculinidades predatórias e suas performatividades, a exposição do falo carrega consigo um valor simbólico que confere diferenciação hierarquizada, a cis-heteronorma phallogocentrista aplicada é uma patologia projetual.

O double standard da práxis

A permanência no espaço público está associada à presença de banheiros públicos, porém a sua existência não assegura o seu livre acesso. A massa homogênea de subjetivações masculinas subalterna masculinidades e pode expulsar outros usuários⁸, o marcador da diferença é utilizado como justificativa para o ataque a corpos LGBTQIAPNB+, não se pretende apenas relativizar o direito à utilização de banheiros mas os direitos desses indivíduos de forma ampla, e assim manter essas

8 Segundo Sampaio (2015), estudantes percebidos como gays podem ser impedidos de utilizar o banheiro masculino. O repertório punitivista homofóbico é acionado e violências físicas são praticadas concomitantemente a outras violências.

figuras abjetas e empurrá-las para a clandestinidade. A sociabilização masculina⁹ retira dos homens a legitimidade de qualidades que em uma divisão social generificada hierarquizadamente misógina foram elegidas a femininas, a homosociabilidade masculina se apoia na homofobia recreativa que cunha termos derogatórios enquanto se produz antagonicamente a homossexualidade e símbolos associados a ela, um desses símbolos é o cuidado, viola-se o outro com a mesma naturalidade que viola-se a si mesmo, nesse contexto a higiene¹⁰ é exógena e o anus é privado.

[...] the effective production of heterosexual masculinity depends upon the imperative separation of genitality and anality, of urine and shit.[...] Precisely because the bathrooms are normative scenarios of production for masculinity, they are able to function as a theatre of heterosexual anxiety. In this context, the spatial division of genital and anal functions protects against the potential homosexual temptation or, rather, condemns it to the area of privacy. Unlike the urinal, in the men's baths, the toilet, a symbol of the wretched/seated femininity, protects the moments of defecation of solids (moments of anal opening) from the public gaze. As suggested by Lee Edelman, the masculine opening, a hole that is potentially open to penetration, must be opened only in confined spaces and protected from the eyes of other men: otherwise, it may arouse a homosexual invitation (Preciado, 2017).

A performance de gênero é aprendida através de rituais de controle de sexualidade e a repressão motora¹¹ que atendem principalmente a *homohysteria*¹², a dinâmica não se inaugura nem se encerra nos banheiros públicos, mas encontra neles um terreno fértil para sua dicotomização, enquanto mulheres têm apenas uma opção os homens urinam a qualquer momento no espaço público¹³ desde novos, essa é uma *affordance*¹⁴ masculina.

Segrega-se pessoas com algum tipo de deficiência visível, idosos, crianças e a célula familiarista mononuclear heteroafetiva monogâmica, Seja pela negação do direito à sexualidade ou de sua existência, assim são estratificados espaços sem mudança formal significativa atendendo a demandas de pânico moral. Segregar não implica segurança, a lógica patriarcal não se esvai quando criam-se espaços para fingir tentar reparar problemas que foram produzidos pelo próprio sistema. A mulher é confinada não porque o bem estar e demandas femininas sejam levados em consideração, mas para atender a um homem que a considera sua propriedade e teme por sua honra, o espaço público é uma extensão do privado e os direitos de grupos minorizados são cerceados independentemente do local, para Adichie (2014) não se subverte o patriarcado, negocia-se com ele.

9 A homosociabilidade masculina consiste na sociabilidade entre homens, ela inclui os processos de *brotherhood* que afirmam o privilégio masculino da impunidade e o direito à cidade com segurança, ela é permeada de violências que ajudam a manter o status quo.

10 Não são disponibilizados aparatos como papel higiênico ou uma lixeira próximos aos mictórios, pois os homens formam-se negligenciando o cuidado, mesmo que isso possa gerar-lhes problemas de saúde.

11 Em *a preeminência da mão direita* de Hertz (1980) percebe-se como a sociedade punitivista socializa indivíduos normatizando sua psicomotricidade. Para adentrar o banheiro masculino performa-se uma teatralidade generificada, comporta-se como homem.

12 Medo de ser presumido homossexual.

13 Aponta-se para a disparidade de direitos e não um juízo de valor acerca do ato de urinar em público. A repressão motora e a estigmatização da fisiologia são armas de controle social poderosas que são mais fortemente impostas às mulheres.

14 Para Lang (1987) *affordances* são as possibilidades que o usuário enxerga de apropriação do espaço, elas variam entre pessoas e grupos sociais diferentes.



Imagem 3 - Coqueiros em Copacabana, (Carnaval, 2005). Fonte: CARNAVAL, Marcelo. Coqueiros em Copacabana, Rio de Janeiro, 2020. Imagem da internet: Testemunha ocular. Disponível em: <https://testemunhaocular.ims.com.br/convidados/marcelo-carnaval/>. Acesso em: 27 out. 2024.

Consulta pública a arquitetos enquanto usuários e projetistas

Foram consultados profissionais arquitetos para compreender suas experiências enquanto usuários e o que motiva suas soluções de projeto. O perfil de respondentes é composto por pessoas entre 21 e 56 anos, os egressos do curso de arquitetura e urbanismo têm de 6 meses a 31 anos de formados ; 55% são LGBTQTs; 60% são brancos; 40% são pardos e 70% são homens. A amostragem não dispõe de respondentes pretos, indígenas, asiáticos nem pessoas com alguma deficiência.

Todos os arquitetos já projetaram banheiros e 90% já projetaram banheiros públicos; 0% consideraram a estética como problema central desse espaço e apenas 10% admitiu utilizar um espaço residual para definir a localização do banheiro na planta. Os principais problemas apresentados foram: a falta de limpeza (88%), a falta de privacidade (66%), a falta de segurança (55%) e a falta de manutenção (55%).

A variável de gênero se mostrou bastante relevante. Em casos urgentes hipotéticos com apenas banheiros precários disponíveis 33% das mulheres relataram preferir voltar para casa, 33% utilizar um banheiro precário e 33% segurar o xixi; já no caso dos homens 57% declararam preferir utilizar o banheiro precário, 28% urinar na rua, 14% voltar para casa; ou seja, enquanto 66% das mulheres adiarão o esvaziamento da bexiga 85% dos homens não seriam tão prejudicados, mesmo que o espaço seja similar quanto a sua disponibilidade, o usuário e as possibilidades de apropriação do espaço são desiguais; apenas 28% dos homens relataram ter deixado de usar mictórios por algum motivo, 14% não o utilizam em nenhuma ocasião; 20% dos respondentes nunca deixou de utilizar um banheiro público por nenhum motivo, todos eles eram homens. A metade das pessoas acredita que banheiros masculinos e femininos têm necessidades distintas em relação a layout e soluções projetuais, a principal diferença apontada é mictório, também foram mencionados o tempo de permanência e a necessidade de superfícies para acomodar bolsas. A opinião acerca de banheiros neutros se mostrou



Imagem 4 - Pop up toilet. O urilift triple é um conjunto de mictórios completamente visíveis modelo de mictório completamente visível no espaço público que brota surge do chão para atender exclusivamente homens. Fonte: mictório público, Países Baixos. Imagem da internet: Pop up toilet. Disponível em: <https://popuptoilet.com/en/assortment/urilift-triple/>. Acesso em: 27 out. 2024.

bastante fragmentada, 50% é favorável, 20% é contra, 20% não sabe responder e 10% é a favor a depender da sua configuração, o mictório é discutido como fonte de desconforto e a insegurança de pessoas trans e mulheres cis.

Conclusão

A divisão binária de banheiros públicos é sustentada por uma série de problemáticas que foram assimiladas ao longo do tempo e podem ter efeitos negativos em muitos usuários minorizados. A questão multifatorial está presente em outros contextos e se reafirma cotidianamente através da práxis social. A materialidade foi cunhada a partir de normas sociais já assimiladas pela cultura que se traduzem numa espacialidade mal especializada. Por mais que exista um esforço de desumanizar pessoas e flexibilizar direitos básicos, as formas como as pessoas são presumidas não deveriam ser apontadas como empecilho para transitar no espaço público. Incluir mais pessoas nesse programa é um passo inicial para o reconhecimento de grupos minorizados enquanto seres de direitos, no entanto esse não é o fim da discussão. A emancipação social é perpassada por uma revolução sexual que questiona a heteronormatividade e seus construtos, que não apenas ecoam na esfera privada da vida das pessoas, mas também nas vivências diárias do espaço público.

O problema está tanto no espaço quanto na sua apropriação, mesmo que o espaço se modifique ainda é necessária uma mudança cultural. Ainda não há consenso quanto às melhores alternativas, mas a sociedade se beneficiaria muito de uma opção igualitária que elimine a segregação espacial e a necessidade de distinção entre homens e mulheres, é possível utilizar cabines com fechamento de piso a teto para garantir maior privacidade e segurança; *facilities* como fraldários e espaço para acondicionar pertences, e *amenities* como absorventes e papel higiênico devem ser disponibilizados com acessibilidade, às necessidades dos usuários devem ser levadas

em consideração, não apenas as necessidades dos homens, o banheiro não deve ser meramente utilitário, deve também ser belo e adornado, além de limpo e confortável.

Uma das consequências da segregação de banheiros é a expulsão de corpos dissidentes do sistema sexo/genero, a violência simbólica propicia retenção de urina, que pode causar prejuízos para a saúde, os mais afetados pela questão são pessoas trans e não binárias, porém questionário presente na pesquisa não foi respondido por esse recorte e por isso não conta com dados qualitativos de suas experiências e o impacto delas em suas vidas. Faz-se necessário conscientizar a população para que mudanças efetivas ocorram e discutir sobre normas sociais e suas iniquidades, incluindo reflexões sobre homofobia, transfobia e misoginia institucionalizadas.

Agradecimento

Essa pesquisa foi contemplada com uma bolsa de iniciação científica concedida pelo CNPq.

Referências

ANTHONY, K.H. . *Defined by design: the surprising power of hidden gender, age, and body bias in everyday products and places*. Amherst: Prometheus Books, 2017.

BECK, U. *Risk society: towards a new modernity*. Thousand Oaks: Sage Publications Ltd, 1992.

DERRIDA, J. *Éperons: Les Styles de Nietzsche*. Chicago e Londres: University of Chicago press, 1978.

FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité, I: La volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976.

LANG, J. *creating architectural theory: the role of the behavioral sciences in environmental design*. Van Nostrand Reinhold, 1987

LEFEBVRE, H. *Espace et politique le droit à la ville ii*. Paris: Éditions Anthropos, 1968.

MILLET, K. *Sexual politics*. Urbana e Chicago: University of illinois press, 1970.

NGOZI, C.A. *We should all be feminists*. Anchor Books, 2015.

PRECIADO, P.B. . *Trashgender: urinate/defecate, masculine/feminine*, 6 set. 2017. Especiais. Acessado em 19 mai. 2024. Online. Disponível em: <https://thefunambulist.net/magazine/13-queers-feminists-interiors/trashgender-urinatedefecate-masculinefeminine-paul-b-preciado>

SAMPAIO, Fabrício. O terceiro banheiro:fuga da “pedagogia do insulto” e/ou reforço da heteronormatividade?. *Revista Periódicus*, 1(3), 131–151. 2015

SANDERS, J. *Stud: architectures of masculinity*. Nova York: Routledge, 2020.

STRATHERN, M. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.